

JOGOS PERDIDOS

Para quem gosta de futebol e torce para o pequeno time de sua cidade, geralmente há muitos jogos perdidos. A Camila Camargo, atual presidenta do CAU-SP é testemunha vibrante do acesso do Velo Clube à divisão principal do futebol paulista, outros colegas pelo Noroeste de Bauru. Falcoski lamenta a eliminação da sua Ferroviária de Araraquara. Quando escrevi o livro sobre a história da Francana, que esteve próxima ao desaparecimento alguns anos atrás (Veterana do Além), mergulhei de cabeça em histórias de futebol da Franca e procurei registrar o que achava importante daquilo tudo, presente nas minhas memórias desde a meninice.

Tive a sorte de ter um pai fã de futebol que acompanhava a Francana e também era são-paulino roxo. Virei tricolor, mas da Prudentina. Nasci na praça do cemitério de Franca, ao lado do velho estádio Cel. Nhô Chico, que teima em resistir à decadência e abandono. Tentei salvá-lo pelo tombamento, ao menos o frontão de entrada, mas aqui em Franca, isso não significa garantia de nada. Aliás, pelas notícias recentes de São Paulo, onde o judiciário e a Prefeitura atendem interesses do mercado imobiliário e até o governador quer destombar o ginásio do Ibirapuera, é porque a preservação histórica está mesmo em baixa.

Cresci acompanhando os jogos da Francana no velho Nhô Chico, nos domingos à tarde. De calças curtas, viajei para outras cidades como Jaboticabal e Campinas vibrando com as camisas esmeraldinas esvoaçando atrás da bola de “cobertão”. Na copa das casas onde vivemos, era invariável: havia um horário em que meu pai ligava o rádio e ficava ouvindo a transmissão dos jogos ou os programas sobre futebol. As ondas médias que chegavam de longe traziam resultados de jogos de lugares e times que nunca tínhamos ouvido falar: Hepacaré de Lorena, Elvira de Jacareí, Estrela da Saúde, Radium de Mococa, Siderúrgica de Sabará. Cidades e lugares distantes, que pensei existir apenas na imaginação infantil. Nada, conheci quase todas essas cidades.

O tempo passou. Veio a TV e tornou possível assistir aos jogos de qualquer lugar do planeta, menos daqueles modestos times que povoaram minha infância. Jornalistas que nunca viveram no interior vivem falando em acabar com os campeonatos estaduais para “modernizar” o futebol, transformado apenas em um negócio rentável. E corrupto, claro. Com o advento da internet, no entanto, algo mudou na superfície do planeta bola.

É possível assistir qualquer jogo de times modestos em qualquer Nhô Chico do país. Agora me divirto em zapear o Youtube e ver, além da Francana, a Votuporanguense, Jabaquara, times das últimas divisões paulistas. Mas também vejo o campeonato mineiro do Tombense, Athletic, Pouso Alegre. O “Baianão”, que traz clássicos imperdíveis como Jacuipense x Jacobina. Tem um time com nome mais poético que Velo Clube, de Rio Claro? As bicicletas foram escanteadas pelo futebol dos movimentados dérbis contra o Rio Claro. O Operário de Ponta Grossa, rei das piadinhas, está no paranaense jogando contra times de nomes mais esquisitos ainda, como o Azuriz, time-empresa de Pato Branco, que teve como adversário o poderoso esquadrão do PSTC de Alvorada. PSTC significa Paraná Soccer Technical Center, uma clube empresa que se dedica a formar jogadores criado por empresários para ganhar dinheiro com o futebol.

Curintcha, Parmera, Barcelona, Bayern, não sei nem quero saber deles. Agora, se tiver um Hepacaré de Lorena x Jaboticabal Atlético, tô dentro. Vai Francana, vamos ganhar da União Barbarense pra enfrentar o Bafo de Ribeirão Preto ano que vem.

Mauro Ferreira é arquiteto